

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

FEVEREIRO DE 1866

Nº 2



## O Espiritismo Segundo os Espíritas

EXTRAÍDO DO JORNAL *DISCUSSION*

Impresso em Bruxelas, o jornal hebdomadário político e financeiro *Discussion* não é uma dessas folhas levianas que, pelo fundo e pela forma, visam ao divertimento do público frívolo. É um jornal sério, acreditado principalmente no mundo financeiro e que se acha no seu undécimo ano<sup>1</sup>. Sob o título: *O Espiritismo segundo os espíritas*, o número de 31 de dezembro de 1865 contém o seguinte artigo:

“*Espíritas* e *Espiritismo* são agora duas palavras bem conhecidas e freqüentemente empregadas, conquanto fossem ainda ignoradas apenas há alguns meses. Entretanto, a maioria das pessoas que delas se servem estão a perguntar o que exatamente significam, porque, embora cada um faça essa pergunta a si mesmo, ninguém a manifesta, pois todos querem passar por capazes de matar a charada.

1 Redação em Bruxelas, 17, Montagne de Sion; Paris, 31, rue Bergère. – Preço para a França, 12 fr. por ano; 7 fr. por semestre. Cada número de oito páginas grande in-fólio: 25 centavos.

“Algumas vezes, contudo, a curiosidade intriga a ponto de trazer a pergunta aos lábios e, conforme o desejo, cada um vos esclarece.

“Alguns pretendem que o Espiritismo é o truque do armário dos irmãos Davenport; outros afirmam que não passa da magia e da feitiçaria de outrora, que querem reabilitar sob um novo nome. Segundo as comadres de todos os bairros, os espíritas entretêm conversas misteriosas com o diabo, com o qual fizeram um compromisso prévio. Enfim, lendo-se os jornais, fica-se sabendo que todos os espíritas são loucos ou, pelo menos, deixam-se iludir por certos charlatães chamados *médiuns*. Esses charlatães vêm, com ou sem armário, dar representações a quem os queira pagar e, para tornar mais verossímil suas trapaças, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

“Eis o que eu tinha aprendido nestes últimos tempos. Considerando a discordância dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, ainda que me vencesse, ou me deixar enganar por um médium, mesmo que tivesse de perder a razão. Lembrei-me então, muito a propósito, de um amigo que suspeitava fosse espírita, e fui procurá-lo, a fim de me proporcionar meios de satisfazer a minha curiosidade.

“Comuniquei-lhe as diversas opiniões que eu havia recolhido e expus o objetivo de minha visita. Mas meu amigo riu muito do que chamava a minha ingenuidade e me deu, mais ou menos, a seguinte explicação:

“O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançar ou para executar truques de escamoteação, e é um equívoco que nisto cada um queira encontrar o maravilhoso.

“O Espiritismo é uma Ciência ou, melhor dizendo, uma Filosofia espiritualista, que ensina a moral.

“Não é uma Religião, pois não tem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova certa da imortalidade da alma. É para fornecer esta prova que os espíritas evocam os Espíritos de além-túmulo.

“Os médiuns são dotados de uma faculdade natural, que os torna aptos a servir de intermediários aos Espíritos e a produzir com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação, aos olhos de quem quer que lhes ignore a explicação. Mas a faculdade mediúnica não é privilégio exclusivo de certos indivíduos; é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em diferentes graus, ou sob diferentes formas.

“Assim, para os que conhecem o Espiritismo, todas as maravilhas de que acusam esta doutrina não passam de fenômenos de ordem física, isto é, de efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

“Entretanto, os Espíritos não se comunicam com os vivos unicamente com o objetivo de lhes provar a sua existência: eles ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

“Como toda filosofia, esta tem o seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo e na solução de um grande número de problemas filosóficos, diante dos quais, até agora, a Humanidade impotente foi obrigada a inclinar-se.

“É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, seu destino, a causa de nossa existência na Terra; desvenda o mistério da morte; dá razão dos vícios e virtudes do homem; diz o que são o homem, o mundo, o Universo; enfim, faz o quadro da harmonia universal, etc.

“Este sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas próprias, por árbitro de sua verdade, fatos palpáveis e

a mais pura razão. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a Ciência e não avança um ponto senão quando o precedente esteja completamente certificado. O Espiritismo não impõe a confiança porque, para ser aceito, não precisa senão da autoridade do bom-senso.

“Uma vez estabelecido este sistema, dele se deduz, como consequência imediata, um ensinamento moral.

“Esta moral não é outra senão a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano; e é de todas as religiões e de todas as filosofias, pertencendo, por isso mesmo, a todos os homens. Mas, isenta de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, resplandece em toda a sua pureza.

“É a esta pureza que ela deve toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que é a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

“O objetivo de toda moral é ser praticada; mas esta, sobretudo, considera tal condição como absoluta, porque chama espíritas não os que aceitam seus preceitos, mas os que põem as suas regras em ação.

“Dizer quais são as suas doutrinas? Aqui não pretendo ensinar, já que o enunciado das máximas me conduziria, necessariamente, ao seu desenvolvimento.

“Apenas direi que a moral espírita nos ensina a suportar a desgraça sem a desprezar, a fruir a felicidade sem a ela nos apegarmos; ela nos rebaixa sem nos humilhar, e nos eleva sem nos envaidecer; coloca-nos acima dos interesses materiais, sem por isto os marcar com o aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens com que somos favorecidos são outras tantas forças que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para conosco e para com os outros.

“Vem, então, a necessidade de especificar esta responsabilidade, as penas ligadas à infração do dever e as recompensas de que desfrutaram os que obedeceram. Mas, também aí, as asserções não são tiradas senão dos fatos e podem verificar-se até a perfeita convicção.

“Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque aí tudo é simples; onde nada é obscuro, porque tudo é provado; onde tudo é simpático, porque cada questão interessa intimamente a cada um de nós.

“Tal é esta ciência que, projetando viva luz sobre as trevas da razão, de repente desvenda os mistérios que julgávamos impenetráveis, recuando até o infinito o horizonte da inteligência.

“Tal é esta doutrina, que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos os que concordam em segui-la, e que, enfim, abre à Humanidade uma estrada segura para o progresso moral.

“Tal é, finalmente, a loucura de que estão acometidos os espíritas e a feitiçaria que praticam.”

“Assim, sorrindo, terminou meu amigo que, a meu pedido, agendou um encontro para, juntos, participarmos de algumas reuniões espíritas onde, às experiências, se alia o ensino.

“Voltando para casa, lembrei o que havia dito, concordando com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de nem sequer conhecer o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de amarga confusão.

“Então pensei que, malgrado os severos desmentidos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, quase não pensávamos, na época de progresso em que vivemos, em tirar proveito dos ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, ainda por

muitos séculos serão de rigorosa exatidão: ‘É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; é por isto que está sempre disposto a negar aquilo que lhe é incompreensível.’”

*A. Briquel*

Como se vê, o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz, isento das distorções com que a crítica o constrange, numa palavra, tal como o admitem os espíritas, e sentimo-nos felizes ao dizer que o conseguiu perfeitamente. Com efeito, é impossível resumir a questão de maneira mais clara e precisa. Devemos, também, felicitar a direção do jornal que, com aquele espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver em todos os que fazem profissão de liberalismo e se apresentam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita.

Aliás, suas intenções a respeito do Espiritismo estão claramente formuladas no artigo seguinte, publicado no número de 28 de janeiro:

#### **Como ouvimos falar do Espiritismo**

“O artigo sobre o Espiritismo, publicado em nosso número de 31 de dezembro, provocou numerosas perguntas, com o fito de saber se nos propomos tratar posteriormente desta questão e se nos transformamos em seu porta-voz. A fim de evitar qualquer equívoco, torna-se necessária uma explicação categórica. Eis nossa resposta:

“O *Discussion* é um jornal aberto a todas as idéias progressistas. Ora, o progresso não pode ser feito senão pelas idéias novas que, de vez em quando, vêm mudar o curso das idéias preconceituosas. Repeli-las porque destroem aquelas em que fomos acalentados, é, aos nossos olhos, faltar à lógica. Sem nos tornarmos apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não

seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade pôr o público em condições de as julgar. Para tanto, basta apresentá-las tais quais são, sem tomar, prematuramente, partido pró ou contra; porque, se forem falsas, não será a nossa adesão que as tornará justas, e se forem justas, nossa desaprovação não as tornará falsas. Em tudo, é a opinião pública e o futuro que se pronunciam em última instância. Contudo, para apreciar o lado forte e o fraco de uma idéia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal qual a apresentam os interessados em combatê-la, no mais das vezes truncada e desfigurada. Se, pois, expusermos os princípios de uma teoria nova, não queremos que os seus autores ou os seus partidários possam censurar-nos por lhes fazermos dizer o contrário do que dizem. Agir assim não é assumir a sua responsabilidade: é dizer o que é e reservar a opinião de todo o mundo. Destacamos a idéia em toda a sua verdade. Se for boa, fará o seu caminho e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos fornecido os meios para ser julgada com conhecimento de causa.

“É assim que procederemos em relação ao Espiritismo. Seja qual for a maneira de ver a seu respeito, ninguém pode esconder a extensão que ele tomou em alguns anos. Pelo número e pela qualidade de seus partidários conquistou lugar entre as opiniões aceitas. As tempestades que provoca, a obstinação com que o combatem em certo meio, são, para os menos clarividentes, o indício de que ele encerra algo de grave, já que causa perturbação em tanta gente. Que pensem dele o que quiserem; é, incontestavelmente, uma das grandes questões na ordem do dia. Assim, não seríamos conseqüentes com o nosso programa se o passássemos em silêncio. Nossos leitores têm o direito de pedir que lhes informemos o que é essa doutrina, que provoca tão grande celeuma; é nosso interesse satisfazê-los, e nosso dever fazê-lo com imparcialidade. Pouco lhes importa nossa opinião pessoal sobre a coisa; o que esperam de nós é um relato exato dos fatos e das atitudes de seus partidários, sobre os quais possam formar sua própria opinião. Como procederemos? É muito simples: iremos à

própria fonte; faremos pelo Espiritismo o que fazemos pelas questões de política, de finanças, de ciência, de arte ou de literatura; ou seja, para isto encarregaremos homens especiais. As questões de Espiritismo serão, pois, tratadas por espíritas, como as de Arquitetura por arquitetos, a fim de que não nos qualifiquem de cegos discorrendo sobre as cores e que não nos apliquem estas palavras de Fígaro: Precisavam de um calculista e tomaram um dançarino.

“Em suma, o *Discussion* não se arvora como órgão, nem como apóstolo do Espiritismo; abre a ele as suas colunas, como a todas as idéias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de a controlar, de a aceitar ou de a rejeitar. Deixa aos seus redatores especiais inteira liberdade de discutir os princípios, cuja responsabilidade só eles assumem. Mas o que repelirá sempre, no interesse de sua própria dignidade, é a polêmica agressiva e pessoal.”

## Curas de Obsessões

Escrevem-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866:

“Eis um segundo caso de obsessão, que levamos a bom termo durante o mês de julho passado. A obsidiada tinha vinte e dois anos e gozava de perfeita saúde. Apesar disto, de repente foi tomada por um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, a ponto de ser impossível contê-la durante as crises. Vendo isto, os pais, a conselho dos médicos, obtiveram sua admissão numa casa de alienados, onde seu estado não experimentou qualquer melhora. Nem eles nem a doente jamais se haviam ocupado com o Espiritismo, que nem sequer conheciam. Mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., de que vos falei, vieram procurar-nos para saber se poderíamos fazer alguma coisa



por sua filha infeliz. Respondemos nada poder afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados na primeira sessão, disseram que a jovem era subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por reconduzi-lo ao bom caminho, e que a cura resultante nos daria a prova da verdade dessa afirmação. Em consequência, escrevi aos pais, distantes 35 km de nossa cidade, dizendo que sua filha seria curada e que a cura não demoraria muito, sem, contudo, precisar a época.

“Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e ficamos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar a vítima. Com efeito, a doente ficou curada, como haviam anunciado os guias.

“Os adversários do Espiritismo repetem incessantemente que a prática desta doutrina conduz ao hospício. Pois bem! Nós lhes podemos dizer, nesta circunstância, que o Espiritismo dele fez sair aqueles que lá haviam entrado.”

Entre mil outros, este fato é uma nova prova da existência da *loucura obsessiva*, cuja causa é inteiramente distinta da loucura patológica, e ante a qual a Ciência falhará enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre a economia. Aqui o caso é bem evidente: eis uma jovem, a tal ponto apresentando os caracteres da loucura que os médicos se enganaram, e que é curada a léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento ou tratamento médico, unicamente pela moralização do Espírito obsessor.

Há, pois, Espíritos obsessores, cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se tivéssemos de citar apenas um fato, sem dúvida seria temerário daí deduzir a

afirmação de um princípio tão importante; mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos. Não são privilégio de um indivíduo e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam numa lei da Natureza.

Citamos várias curas desse gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Num vilarejo a algumas léguas desta cidade, havia um camponês acometido por uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar, e que, em falta de pessoas, atacava as aves domésticas. Corria incessantemente pelos campos e não voltava mais para casa. Sua presença era perigosa; assim, foi fácil obter autorização para o internar na casa de alienados de Cadillac. Não foi sem vivo pesar que a família se viu obrigada a tomar esse partido. Antes de o levar, tendo um de seus parentes ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, foi procurar o Sr. Dombre e lhe disse: “Senhor, disseram-me que curais os loucos; por isso vim vos procurar.” Depois contou-lhe de que se tratava, acrescentando: “Como vedes, dá tanta pena separar-nos desse pobre J..., que antes quis ver se não havia um meio de o impedir.”

“Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me dá esta reputação; é verdade que algumas vezes consegui recuperar a razão de pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Embora não vos conheça, verei se vos posso ser útil.” Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa do seu médium habitual, obteve de seu guia a certeza de que se tratava de grave obsessão, mas que com perseverança ela chegaria a bom termo. Então disse ao camponês: “Esperai ainda alguns dias antes de levar o vosso parente a Cadillac; vamos ocupar-nos do caso; voltai de dois em dois dias para dizer-nos como ele se acha.”

Nesse mesmo dia puseram-se em ação. Inicialmente, como em casos semelhantes, o Espírito mostrou-se pouco tratável; pouco a pouco acabou por se humanizar e, finalmente, renunciou a atormentar aquele infeliz. Um fato muito particular é que declarou não ter qualquer motivo de ódio contra aquele homem; que, atormentado pela necessidade de fazer o mal, havia-se ligado a ele como a qualquer outro; que agora reconhecia estar errado e pedia perdão a Deus. O camponês voltou dois dias depois, e disse que o parente estava mais calmo, mas ainda não tinha voltado para casa e se ocultava nas sebes. Na visita seguinte, ele tinha voltado, mas estava sombrio e se mantinha afastado; já não procurava bater em ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios habituais. Assim, bastaram oito dias para o trazer ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivessem encerrado com loucos, ele teria perdido a razão completamente.

Os casos de obsessão são tão freqüentes que não há nenhum exagero em dizer que nos hospícios de alienados, mais da metade só têm da loucura a aparência e que, por isto mesmo, a medicação vulgar é impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar: eis um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

É evidente que os que não admitem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, admitindo-a, não se dão conta do estado do Espírito após a morte, devem olhar a intervenção de seres invisíveis, em tais circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas lá está. Não poderiam ser levadas à conta da imaginação as curas operadas a distância, em pessoas que jamais foram vistas, sem o emprego de nenhum agente material. A

doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, desde que atinge até os que nele não acreditam, e também a crianças, que dele não fazem qualquer idéia. Contudo, aqui nada há de maravilhoso, mas efeitos naturais, que existiram em todos os tempos, que então não eram compreendidos, e que se explicam do modo mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até os deixar doentes e mesmo matá-los, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de restituir a paz à vítima: subtraí-la à autoridade de sua brutalidade, ou neles desenvolver o sentimento do bem. O conhecimento que agora temos do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram na Terra, uns bons, outros maus. Entre estes últimos, uns há que ainda se comprazem no mal, em consequência de sua inferioridade moral, e que ainda não se despojaram de seus instintos perversos; estão em meio a nós, como quando vivos, com a única diferença que, em vez de ter um corpo material visível, tem-no fluídico invisível; mas não deixam de ser os mesmos homens, com o senso moral pouco desenvolvido, buscando sempre ocasiões de fazer o mal, encarniçando-se sobre as vítimas que conseguem submeter à sua influência. De obsessores encarnados que eram, tornam-se obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem ser vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, visto que não se lhes pode apreender o corpo. O único meio de os dominar é o ascendente moral, com cuja ajuda, pelo raciocínio e sábios conselhos, consegue-se torná-los melhores, ao que são mais acessíveis no estado de Espírito que no estado corporal. Desde o instante em que são levados a renunciar voluntariamente aos tormentos que provocam, o mal desaparece, quando causado pela obsessão. Ora, compreende-se que nem são as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas:

conversa-se com o Espírito desencarnado, moraliza-se-o, educa-se-o, como se teria feito quando ele estava encarnado. A habilidade consiste em se saber tomá-lo pelo seu caráter, em dirigir com tato as instruções que lhe são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se reduz a isto: Há ou não Espíritos obsessores? A resposta está no que dissemos acima: Os fatos materiais lá estão.

Por vezes perguntam por que permite Deus que os Espíritos maus atormentem os vivos. Com tanto mais razão poder-se-ia perguntar por que permite que os vivos se atormentem entre si. Perdem-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se compõem dos mesmos seres em dois estados diferentes. Aí está a chave de todos esses problemas reputados sobrenaturais.

Não nos devemos admirar mais das obsessões do que das doenças e de outros males que afligem a Humanidade; fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio, onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhorados para merecer dele sair. Os homens sofrem aqui as conseqüências de suas imperfeições, porquanto, se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

## O Naufrágio do *Borysthène*

Por certo a maioria dos nossos leitores leu nos jornais a comovente notícia do naufrágio do *Borysthène*, nas costas da Argélia, no dia 15 de dezembro de 1865. Extraímos a passagem seguinte do relato de um passageiro que escapou do desastre, publicado no *Siècle* de 26 de janeiro.

“...No mesmo instante, um estalo terrível, indefinível, se fez ouvir, acompanhado de abalos tão violentos, que eu caí.

Depois ouvi um marinheiro gritar: ‘Meu Deus! estamos perdidos! orai por nós!’ Acabávamos de bater num rochedo e o navio abriu-se; ouvia-se o borbulhar da água que entrava no porão. Os soldados, que se deitavam na ponte, safam-se na confusão, não importa onde, soltando gritos horríveis; os passageiros, seminus, atiram-se para fora dos camarotes; as pobres mulheres se agarravam a todo o mundo, suplicando que as salvassem. Rogavam a Deus aos gritos; despediam-se. Um negociante engatilha a pistola e quer estourar o cérebro: arrancam-lhe a arma.

“Os abalos continuavam; o sino de bordo tocava alarme, mas o vento rugia de modo tão terrível que o sino não era ouvido a cinqüenta metros. Eram gritos, urros, preces; era não sei que de horroroso, de lúgubre, de medonho. Jamais vi, jamais li cena tão horrível, tão pungente. Estar ali, cheio de vida, de saúde, em face de uma morte que se julga certa, é uma morte terrível!

“Naquele momento supremo e indescritível, o vigário, Sr. Moisset, deu a todos a sua bênção. A voz cheia de lágrimas desse pobre padre, recomendando a Deus duzentos e cinqüenta infelizes, que o mar ia devorar, revolveia todas as entranhas.”

Não há um grande ensinamento nessa espontaneidade da prece, em face de um perigo iminente? No meio dessa multidão empilhada no navio, certamente havia incrédulos, que antes quase não pensavam em Deus nem em sua alma, e eis que, em presença de uma morte tida como certa, voltam o olhar para o Ser Supremo, como para a única tábua de salvação. É que no momento em que se ouve soar a última hora, involuntariamente o coração mais endurecido se pergunta o que vai ser dele. O doente, em seu leito, espera até o último momento, razão por que afronta todo poder sobre-humano; e quando a morte o fere, no mais das vezes já perdeu a consciência de si mesmo. Num campo de batalha há uma superexcitação que faz esquecer o perigo; e, depois, nem todos são atingidos e se tem alguma chance de escapar; mas no meio do oceano, quando o seu navio está sendo tragado, só se espera o

socorro desta Providência que se havia esquecido, e à qual o ateu está prestes a pedir um milagre. Mas, ai! passado o perigo, quantos não dão graças ao acaso e à sua boa sorte! ingratidão que, cedo ou tarde, pagarão muito caro. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVII, nº 8).

Em semelhante circunstância, qual o pensamento do espírita sincero? Diz ele: “Sei que devo esforçar-me por conservar a vida corporal; farei, pois, tudo quanto estiver em meu poder para escapar ao perigo, porque, se me entregasse voluntariamente, seria um suicídio; mas se aprover a Deus ma retirar, que importa que seja de uma maneira ou de outra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde! A morte não me traz nenhum temor, porque sei que apenas o corpo morre e que é a entrada na verdadeira vida, a do Espírito livre, onde encontrarei todos os que me são caros.” Entrevê, pelo pensamento, o mundo espiritual, objetivo de suas aspirações, do qual só alguns instantes ainda o separam, e que a morte do corpo, que o retinha na Terra, vai enfim lhe dar acesso; alegre-se, em vez de afligir-se, como o prisioneiro, que vê se abrirem as portas de sua prisão. Só uma coisa o entristece: deixar aqueles que ama; mas se consola pela certeza de que não os abandonará e que estará mais vezes e mais facilmente junto deles do que em vida, que poderá vê-los e protegê-los. Se, ao contrário, escapou do perigo, dirá: “Já que Deus ainda me deixa viver na Terra, é que minha tarefa ou minhas provas ainda não acabaram. O perigo que corri é um aviso que Deus me dá, para estar preparado desde o primeiro momento, procedendo de modo que o seja nas melhores condições possíveis.” Depois lhe agradecerá o sursis concedido e se esforçará em aproveitá-lo para o seu adiantamento.

Um dos episódios mais curiosos desse drama é o fato daquele passageiro que queria estourar os miolos, dando-se morte certa, ao passo que, correndo o risco do naufrágio, podia surgir um socorro inesperado. Que móvel poderia levá-lo àquele ato insano? Muitos dirão que tinha perdido a cabeça, o que era possível; mas talvez se tivesse movido, mau grado seu, por uma intuição da qual

não se dava conta. Embora não tenhamos nenhuma prova material da verdadeira explicação, que é dada a seguir, o conhecimento das relações que subsistem entre as diferentes existências, pelo menos lhe dá um alto grau de probabilidade.

As duas comunicações seguintes foram dadas na sessão da Sociedade de Paris, realizada em 12 de janeiro.

I

A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos, e que são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Atrai todos os seres para Deus e, de certo modo, faz a alma sair da espécie de letargia na qual está mergulhada quando esquece seus deveres para com o Criador. Dita com fé, provoca nos que a ouvem o desejo de imitar os que oram, porque o exemplo e a palavra também levam fluidos magnéticos de grande força. As que foram ditas pelo padre no navio naufragado, com o acento da convicção mais tocante e da mais santa resignação, tocaram o coração de todos aqueles infelizes, que julgavam chegada a sua última hora.

Quanto ao homem que queria suicidar-se em face da morte certa, a idéia lhe veio de uma repulsa instintiva pela água, porque é a terceira vez que morre dessa maneira e suportou alguns momentos de angústias terríveis. Naquele momento, teve a intuição de suas desventuras passadas, que se projetaram vagamente em seu espírito: por isso queria acabar diferentemente. Duas vezes afogou-se voluntariamente, arrastando consigo toda a família. A impressão confusa que lhe tinha ficado dos sofrimentos suportados lhe davam o temor desse gênero de morte.

Orai por aqueles infelizes, meus bons amigos; a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma pela qual é feita; dá-lhe força e resignação.

*São Bento (médium: Sra. Delanne)*



## II

Não é raro ver pessoas que, desde muito tempo não haviam pensado em orar, fazê-lo quando ameaçadas de um perigo iminente e terrível. De onde, então, pode vir essa propensão instintiva a aproximar-se de Deus nos momentos críticos? Do mesmo pendor que nos leva a nos aproximar de alguém que sabemos poder defender-nos, quando estamos em grande perigo. Então as doces crenças dos primeiros anos, as sábias instruções, os piedosos conselhos dos pais vêm como um sonho à memória desses homens vacilantes que, pouco antes, achavam Deus muito longe deles, ou negavam a utilidade de sua existência. Esses espíritos fortes, tornados pusilânimes, sentem tanto mais as angústias da morte quanto mais tempo ficaram sem acreditar em nada. Pensavam não ter necessidade de Deus e se podiam bastar. Deus, para lhes fazer sentir a *utilidade* de sua existência, permitiu que fossem expostos a um fim terrível, sem esperança de serem ajudados por nenhum socorro humano. Então se lembram que outrora oraram, e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem e suaviza os últimos momentos do agonizante.

Tudo isto aparece a esse homem em perigo; tudo isto o incita a orar novamente àquele a quem orou na infância. Então se submete e ora a Deus do mais íntimo do coração, com uma fé viva que toca as raias do desespero, para lhe perdoar seus desvãos passados. Nessa hora suprema já não pensa em todas as vãs dissertações sobre a existência de Deus, pois não mais duvida. Nesse momento crê e aí está uma prova de que a prece é uma necessidade da alma; que, se não tivesse resultado, pelo menos a aliviaria e, por isto mesmo, deveria ser repetida mais vezes; mas, felizmente, tem uma ação mais positiva e é reconhecido, como vos foi demonstrado, que a prece tem para todos uma imensa utilidade, tanto para os que a fazem, quanto para aqueles aos quais se aplica.

O que eu disse só é verdadeiro para o maior número. Porque, ah! alguns não recuperam a fé na hora extrema; que, com o vazio na alma, pensam que vão abismar-se no nada e, por uma espécie de frenesi, eles próprios querem precipitar-se. Esses são os mais infelizes, e vós, que sabeis toda a utilidade e todos os efeitos da prece, orai sobretudo por eles.

*André (médiun: Sr. Charles B.)*

## Antropofagia<sup>2</sup>

Lê-se no *Siècle* de 26 de dezembro de 1865:

“O almirantado inglês acaba de dirigir uma circular às cidades marítimas que transportam armamentos para a Oceania, na qual anuncia que, desde algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande oceano uma recrudescência da antropofagia. Nessa circular, exorta os capitães de navios mercantes a tomarem todas as precauções necessárias para evitar que sua tripulação seja vítima desse horroroso costume.

“Desde cerca de um ano a tripulação de quatro navios foi devorada pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a repetição de tão cruéis desgraças.”

Eis como o jornal *Le Monde* explica esse recrudescimento da antropofagia:

“Tivemos a cólera, a epizootia, a varicela; os legumes, os animais, estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda, que o almirantado inglês nos dá a conhecer: os selvagens da Oceania, ao que se diz, exacerbam-se na antropofagia. Vários casos horríveis chegaram ao conhecimento dos lordes do almirantado. A tripulação de vários navios ingleses desapareceu. Ninguém duvida

2 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

que nossas autoridades marítimas também tomem medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes tomados e devorados pelos selvagens. O espírito se detém diante desses horrores, dos quais foram impotentes para triunfar todos os esforços de nossa civilização. Quem sabe de onde vêm essas criminosas inspirações?

“Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos, disseminados em centenas e milhares de ilhas nas imensidades dos mares do Sul? Sua paixão monstruosa, apaziguada por um momento, reaparece a ponto de chamar a repressão, de inquietar as potências da Terra. É um desses problemas cuja solução só o dogma católico pode dar. Em certos momentos o Espírito das trevas age com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves ele se agita, impele suas criaturas, sustenta-as e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução crê chegada a hora de proceder ao coroamento do edifício; recolhe-se para a luta suprema, ataca-se à pedra angular da sociedade cristã. A hora é grave e parece que a Natureza inteira pressente e prevê a sua gravidade.”

Admiramos de não ver, entre as causas do agravamento da ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, esse bode expiatório de todos os males da Humanidade, como foi outrora o Cristianismo em Roma. Talvez aí esteja implicitamente compreendido, como sendo, segundo uns, obra do Espírito das trevas. “Só o dogma católico, diz *Le Monde*, pode dar a explicação desse problema.” Não vemos muita clareza na explicação que ele dá, nem o que tem de comum o espírito revolucionário da Europa com esses bárbaros. Até achamos nesse dogma uma complicação da dificuldade.

Os antropófagos são homens: ninguém jamais o duvidou. Ora, não admitindo o dogma católico a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova ao nascimento de cada

corpo, resulta que nalgum lugar Deus cria almas de comedores de homens e aqui almas capazes de se tornarem santos. Por que esta diferença? É um problema cuja solução a Igreja jamais deu e, contudo, é uma pedra angular essencial. Conforme sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não se pode explicar senão assim: é que neste momento a Deus apraz criar um maior número de almas antropófagas, solução pouco satisfatória e, sobretudo, pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta se se considerar o futuro dessas almas. Em que se tornam depois da morte? Serão tratadas do mesmo modo que as que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria justo nem racional. Com o seu dogma a Igreja, em vez de explicar, fica num impasse, do qual não pode sair senão apelando para o mistério, que não precisa ser compreendido, espécie de *non possumus* que corta pela raiz as questões embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra sua solução mais simples e racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progredem. Assim, as almas dos antropófagos estão perto de sua origem, suas faculdades intelectuais e morais ainda são obtusas, pouco desenvolvidas e, por isso mesmo, nelas dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a ficar perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; crescem em raciocínio, esclarecem-se, depuram-se, instruem-se e melhoram em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto não ultrapassarem os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, deixam esse meio para encarnar-se numa raça um pouco mais adiantada; desta a uma outra e assim por diante, sobem em grau, em razão dos méritos que adquiriram e das imperfeições de que se despojaram, até que tenham atingido o grau de perfeição de

que é susceptível a criatura. A via do progresso não está fechada a nenhuma, de tal sorte que a mais atrasada pode aspirar à suprema felicidade. Mas umas, em virtude do seu livre-arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor por sua depuração e por sua instrução, em se despojar dos instintos materiais e das fraldas da origem, porque, a cada passo que dão para a perfeição vêm mais claro, compreendem melhor e são mais felizes. Essas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: eis a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre-arbítrio, demoram-se no caminho, como estudantes preguiçosos e de má vontade, ou como operários negligentes; chegam mais tarde, sofrem mais tempo: eis a sua punição ou, se quiserem, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da Criação. Comparai esta doutrina à da Igreja, sobre o passado e o futuro das almas e vede qual a mais racional, a mais conforme à justiça divina e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia é, seguramente, um dos mais baixos graus da escala humana na Terra, porque o selvagem que não come mais o seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? É de notar, antes de mais, que é apenas local e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. É inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e nascimentos, eles se alimentam incessantemente um do outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas perversas, encarnando-se, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes e flagelos se apoderam ao mesmo tempo de grande número de homens, há uma chegada em massa no mundo dos Espíritos. Devendo essas mesmas almas reviver, em virtude da lei da Natureza, e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente trazê-las em massa para a Terra.

O fenômeno de que se trata depende, pois, simplesmente da encarnação accidental, nos meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não da malícia de Satã, nem da palavra de ordem dada aos povos da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do senso moral dessas almas, durante sua permanência na Terra – e esta é a missão dos homens civilizados – elas melhoram; e quando retomarem uma nova existência corporal, com vistas ao seu progresso, ainda serão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, de instintos menos ferozes, porque o progresso realizado jamais se perde. É assim que gradualmente se realiza o progresso da Humanidade.

*Le Monde* está com a verdade, dizendo que se preparam grandes acontecimentos. Sim, uma transformação se elabora na Humanidade. Já se fazem sentir os primeiros abalos do parto; o mundo corporal e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso a lei providencial da Humanidade, ela não se pode dar senão em benefício do progresso. Mas os grandes partos são laboriosos; não é sem abalos e sem grandes rasgões no solo que se extirpam dos terrenos a limpar as ervas daninhas, que têm longas e profundas raízes.

## A Espineta de Henrique III

O fato seguinte é a continuação da interessante história da *Ária e letra do rei Henrique III*, relatada na Revista de julho de 1865. Desde então o Sr. Bach tornou-se médium escrevente; mas pratica pouco, devido à fadiga resultante. Só o faz quando incitado por uma força invisível, que se traduz por viva agitação e tremor da mão, porque, então, a resistência é mais penosa que o exercício. É mecânico no mais absoluto sentido da palavra e não tem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia em que se achava nessa disposição, escreveu esta quadra:

O rei Henrique dá essa grande espineta  
A Baldazzarini, um bom músico então.  
E se ela não é boa, elegante, completa  
Ao menos trate-a bem, por justa gratidão.

A explicação destes versos, que para o Sr. Bach não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

“O rei Henrique, meu senhor, que me deu a espineta que possuis, tinha escrito uma quadra num pedaço de pergaminho e a mandara pregar no estojo; certa manhã ele ma enviou. Alguns anos mais tarde, tendo de fazer uma viagem, e temendo, já que eu levava minha espineta para fazer música, que o pergaminho fosse arrancado e se perdesse, tirei-o; e para não perdê-lo, coloquei-o num pequeno nicho, à esquerda do teclado, onde ainda se encontra.”

A espineta é a origem dos pianos atuais, na sua maior simplicidade, e se tocava da mesma maneira. Era um pequeno cravo de quatro oitavas, de aproximadamente um metro e meio de comprimento por quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos, e tocadas por meio de teclas. Era transportada à vontade, acondicionada num estojo, como se faz com os baixos e os violoncelos. Para utilizá-la, era posta numa mesa ou sobre um X móvel.

O instrumento estava então em exposição no museu retrospectivo, nos Champs-Élysées, onde não era possível fazer a busca indicada. Quando ela lhe foi devolvida, o Sr. Bach, juntamente com o filho, apressou-se em rebuscar todos os cantos, mas inutilmente, de sorte que a princípio pensou tratar-se de uma mistificação. Entretanto, para nada ter a censurar-se, desmontou-a completamente e descobriu, à esquerda do teclado, entre duas pranchetas, um intervalo tão estreito que nele não se podia introduzir a mão. Explorou esse recanto, cheio de poeira e de teias de aranha, e daí retirou um pedaço de pergaminho dobrado,

enegrecido pelo tempo, com trinta e um centímetros de comprimento por sete e meio de largura, sobre o qual estava escrita a quadra seguinte, em caracteres da época, bastante grandes:

Eu, Henrique Terceiro, entrego esta espineta  
A Baltasarini, meu músico feliz,  
Quanto ao som, o que importa aqui é minha meta:  
Dar-lha como lembrança e tê-la como eu quis.

*Henrique*

Esse pergaminho é perfurado nos quatro cantos por furos que, evidentemente, são os dos pregos que serviram para fixá-lo na caixa. Além disso, tem nas bordas uma porção de furos alinhados e regularmente espaçados, que parecem ter sido feitos por preguinhos. Foi exposto na sala de sessões da Sociedade, e todos tivemos o prazer de o examinar, bem como a espineta, na qual o Sr. Bach tocou e cantou a ária e a letra a que nos referimos, e que, como se sabe, lhe foram reveladas em sonho.

Os primeiros versos ditados reproduziam, como se vê, o mesmo pensamento que os do pergaminho, dos quais são a tradução em linguagem moderna, e isto antes que estes últimos fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro e contém, sobretudo, a palavra *ma*, que parece não ter qualquer sentido e não se ligar à idéia principal, e que, no original, está enquadrada num filete. Inutilmente procuramos a sua explicação, e o próprio Sr. Bach não o sabia. Estando um dia em casa deste último, teve ele, espontaneamente e em minha presença, uma comunicação de Baldazzarini, dada em nossa intenção, vazada nestes termos:

*“Amico mio,*

Estou contente contigo; escrevestes esses versos em minha espineta; minha promessa está realizada e agora estou



tranqüilo (Alusão a outros versos ditados ao Sr. Bach e que Baldazzarini lhe tinha dito que escrevesse no instrumento). Quero dizer uma palavra ao sábio presidente que vem te visitar:

Allan Kardec, ó tu, cujos úteis trabalhos  
 Instruem cada dia a novos obreiros  
 Não nos trazes jamais quaisquer princípios falhos;  
 Que os Espíritos bons aclarem teus roteiros.  
 Preciso é pois lutar, enfim contra a ignorância  
 Dos que sábios se crêem da Terra por jactância.  
 Não te abatas porém; a tarefa é de dores;  
 Mas fácil quando o foi aos bons propagadores?

“O rei zombava de meu sotaque em seus versos; eu sempre dizia *ma*, em vez de *mas*. *Adio, amico*.”

*Baldazzarini*

Assim foi dada, sem pergunta prévia, a explicação daquele *ma*. É o vocábulo italiano que significa *mas*, intercalado por brincadeira, pelo qual o rei designava Baldazarinni que, como muitos de sua nação, o pronunciava muitas vezes. Assim o rei, dando aquela espineta ao seu músico, lhe disse: Se não é boa, se *soa mal*, ou se *ma* (Baldazzarini) a julga muito simples, de pouco valor, que a guarde em seu estojo, como lembrança minha.”

A palavra *ma* está enquadrada num filete, como se entre parênteses. Certamente por muito tempo teríamos procurado esta explicação, que não podia ser reflexo do pensamento do Sr. Bach, já que ele próprio não a compreendia. Mas o Espírito viu que necessitávamos dela para completar o nosso relato e aproveitou a ocasião para no-la dar, sem que tivéssemos pensado em lha solicitar, porque, quando o sr. Bach se pôs a escrever, nós ignorávamos, assim como ele, qual era o Espírito que se comunicava.

Restava uma importante questão a resolver, a de saber se a escrita do pergaminho era realmente da mão de Henrique III.

O Sr. Bach se dirigiu à Biblioteca Imperial para compará-la com a dos manuscritos originais. De início encontraram alguns que não tinham perfeita similitude, mas apenas um mesmo tipo de letra. Com outras peças a identidade era absoluta, tanto para o corpo da escrita, quanto para a assinatura. Essa diferença provinha de que a caligrafia do rei era variável, circunstância que logo será explicada.

Assim, não podia haver dúvida quanto a autenticidade dessa peça, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade radical em relação às coisas ditas sobrenaturais, tenham pretendido que não passava de uma imitação muito exata. Ora, observaremos que aqui não se trata de uma escrita mediúcnica, dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original, escrito pelo próprio rei, em vida, e que nada tem de mais maravilhoso do que aqueles que circunstâncias fortuitas fazem descobrir diariamente. O maravilhoso, se maravilhoso existe, está apenas na maneira pela qual sua existência foi revelada. É bem certo que se o Sr. Bach se tivesse contentado em dizer que o tinha encontrado *por acaso* em seu instrumento, não teriam levantado nenhuma objeção.

Estes fatos tinham sido relatados em sessão da Sociedade, de 19 de janeiro de 1866, à qual assistia o Sr. Bach. O Sr. Morin, membro da Sociedade, médium sonâmbulo muito lúcido e que, em seu sono magnético, vê perfeitamente os Espíritos e com eles se entretém, assistia à sessão em estado de sonambulismo. Durante a primeira parte da sessão, consagrada a leituras diversas, à correspondência e ao relato dos fatos, o Sr. Morin, com quem não se ocupavam, parecia em conversa mental com seres invisíveis; ele lhes sorria e trocava com eles apertos de mãos. Quando chegou sua vez de falar, pediram-lhe que designasse os Espíritos que via e rogasse a eles que nos transmitissem, por seu intermédio, o que nos quisessem dizer para nossa instrução. Não lhe foi dirigida uma única pergunta direta. Só mencionamos sumariamente alguns fatos passados, para dar uma idéia do aspecto da sessão e para chegar ao assunto principal que aqui nos ocupa.

Nomeá-los todos, disse ele, seria impossível, pois seu número é muito grande; aliás, há muitos que não conheceis, e que vêm para se instruir. A maioria deles queria falar, mas cedem o lugar aos que, no momento, têm coisas mais importantes a dizer.

Para começar, está ao nosso lado o nosso antigo colega, o último que partiu para o mundo dos Espíritos, o Sr. Didier, que não falta a nenhuma de nossas sessões e que vejo exatamente como em vida, com a mesma fisionomia; dir-se-ia que está aqui com o seu corpo material; apenas não tosse mais. Dá-me conta de suas impressões, de sua opinião sobre as coisas atuais, e me encarrega de vos transmitir suas palavras.

Em seguida vem um rapaz, que se suicidou recentemente em circunstâncias excepcionais e cuja situação descreve, o qual apresenta uma fase, de certo modo nova, do estado de certos suicidas após a morte, em razão das causas determinantes do suicídio e da natureza de seus pensamentos.

Depois vem o Sr. B..., fervoroso espírita, morto há alguns dias, em consequência de uma operação cirúrgica, e que tinha haurido em sua crença e na prece a força para suportar corajosamente e com resignação seus longos sofrimentos. “Que reconhecimento, diz ele, não devo ao Espiritismo! Sem ele certamente teria posto fim às minhas torturas e seria como esse jovem infeliz que acabais de ver. A idéia do suicídio me veio algumas vezes, mas sempre a repeli. Sem isto, como teria sido triste a minha sorte! Hoje sou feliz, oh! muito feliz, e agradeço aos nossos irmãos, que me assistiram com suas preces cheias de caridade. Ah! se soubessem quão doces e salutares eflúvios a prece do coração derrama sobre os sofrimentos!”

“Mas, então, onde me conduzem? continua o sonâmbulo; num abrigo miserável! Lá está um homem ainda jovem, que morre do peito... a miséria é completa: nada para se

aquecer, nada para comer! Sua esposa, esgotada de fadiga e de privações, não pode mais trabalhar... Ah! o último triste recurso!... não tem mais cabelos... cortou-os e vendeu para obter alguns centavos!... Quantos dias isto os fará viver?... É horroroso!”

Solicitado se pode indicar o domicílio dessa pobre gente, disse: “Esperai!” Depois parece escutar o que lhe dizem; toma um lápis e escreve um nome, com indicação da rua e número. Feita a verificação na manhã seguinte, tudo foi achado perfeitamente exato.

Refeito da emoção e voltando seu Espírito ao local da sessão, ele ainda falou de várias outras pessoas e de diversas coisas, que foram para os nossos guias espirituais assunto de instruções de elevado alcance, e que teremos ocasião de referir de outra vez.

De repente exclama: “Mas aqui há Espíritos de toda espécie! Alguns foram príncipes, reis! Um deles avança; tem o rosto longo e pálido, uma barbicha pontuda, uma espécie de gorro encimado por uma centelha. Ele me pede que vos diga:

‘O pergaminho de que falastes e que tendes sob os olhos foi mesmo escrito por minha mão, mas, a respeito, eu vos devo uma explicação.

‘Em meu tempo não se escrevia com tanta facilidade quanto hoje, sobretudo os homens de minha posição. Os materiais eram menos adequados e menos aperfeiçoados; a escrita era mais lenta, mais grossa, mais pesada; por isso refletia melhor as impressões da alma. Como sabeis, meu humor não era uniforme e, conforme eu estivesse em boa ou má disposição, minha escrita mudava de caráter. É o que explica a diferença que se nota nos meus manuscritos que restam. Quando escrevi esse pergaminho para o meu músico, enviando-lhe a espineta, estava num daqueles momentos de satisfação. Se procurardes em meus manuscritos aqueles cuja letra se assemelha à deste, reconheceréis, pelos

assuntos tratados, que eu devia estar num desses bons momentos e aí tereis outra prova de identidade.”

Por ocasião da descoberta deste escrito, do qual falou o *Grand Journal* em seu número de 14 de janeiro, o mesmo jornal estampa o artigo seguinte, em seu exemplar de 21 de janeiro:

“Esgotemos a questão de correspondência, mencionando a carta da Sra. condessa de Martino, relativa à espineta do Sr. Bach. A condessa está persuadida de que o correspondente sobrenatural do Sr. Bach é um impostor, visto que devia assinar *Baldazzarini* e não *Baltazzarini*, que é italiano macarrônico.”

Primeiramente faremos notar que essa chicana a propósito da ortografia de um nome próprio é sofrivelmente pueril, e que o epíteto de *impostor*, em falta do correspondente invisível, no qual não acredita a senhora condessa, cai sobre um homem honrado, o que não é de muito bom-gosto. Em segundo lugar, Baldazzarini, simples músico, espécie de trovador, bem podia não dominar a língua italiana em sua pureza, numa época em que não se dava tanta importância à instrução. Contestariam a identidade de um francês que escrevesse em francês macarrônico, e não se vê gente incapaz de escrever corretamente o próprio nome? Por sua origem, Baldazzarini não devia estar muito acima do macarronismo. Mas essa crítica cai diante de um fato: é que os franceses, pouco familiarizados com as nuances da ortografia italiana, ouvindo pronunciar esse nome, naturalmente o escrevem à francesa. O próprio rei Henrique III, na quadra encontrada e citada acima, o escreve simplesmente *Baltasarini*, embora não seja um ignorante. Assim foi com os que enviaram ao *Grand Journal* o relato do fato em questão. Quanto ao músico, nas diversas comunicações que ditou ao Sr. Bach, e das quais temos em mãos vários originais, assinou *Baldazzarini* e, às vezes, *Baldazzarrini*, como se pode confirmar; a falta, pois, não é dele, mas dos que, por ignorância, afrancesaram seu nome, nós em primeiro lugar.

É realmente curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo, prova evidente da escassez de boas razões.

## Os Ratos de Équihen

Um dos nossos assinantes de Boulogne-sur-Mer manda-nos o seguinte, em data de 24 de dezembro de 1865:

“Há alguns dias fiquei sabendo que em Équihen, vilarejo de pescadores, perto de Boulogne, em casa de um tal L..., fazendeiro muito rico, passavam-se fatos com o caráter de manifestações físicas espontâneas, e que lembram os de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, de Poitiers, de Marselha, etc. Todos os dias, em torno das sete horas da noite, pancadas e rolamentos muito barulhentos são ouvidos no soalho. Um armário fechado a chave se abre de repente e as roupas que contém são lançadas no meio do quarto; as camas, sobretudo a da filha da casa, são bruscamente desfeitas várias vezes seguidas.

Embora a população estivesse longe de se ocupar de Espiritismo e, mesmo, de saber do que se trata, pensaram que o autor desse tumulto, cuja causa as pesquisas e uma vigilância muito minuciosa foram incapazes de descobrir, bem poderia ser um irmão do tal L..., antigo militar, morto há dois anos na Argélia. Parece que tinha recebido dos parentes a promessa que, se morresse em serviço, mandariam trazer o corpo para Équihen. Como a promessa não foi cumprida, supunham que fosse o Espírito desse irmão que, diariamente e há seis semanas, viesse perturbar a casa e todo o vilarejo.

O clero incomodou-se com os fenômenos; quatro curas da localidade e das circunvizinhanças, depois cinco redentoristas e três ou quatro religiosas, vieram para exorcizar o

Espírito, mas inutilmente. Vendo que não conseguiam fazer cessar o barulho, aconselharam o tal L... a partir para a Argélia, a fim de buscar o corpo do irmão, o que fez imediatamente. Antes da partida, esses senhores fizeram com que toda a família se confessasse e comungasse; depois disseram que era preciso dizer missas, sobretudo uma missa cantada, depois missas rezadas diariamente. Celebrada a primeira, os redentoristas se encarregaram das outras. Recomendaram expressamente às senhoras L... que abafassem aqueles ruídos e dissessem a todos quantos viessem informar-se se a coisa continuava, que o barulho era provocado pelos *ratos*. E acrescentaram: É preciso que vos guardeis de propagar essas coisas, pois isto seria uma grave ofensa a Deus, e porque existe uma seita que procura destruir a religião; que se ela soubesse o que se passa, não deixaria de tirar partido, a fim de a prejudicar, pelo que a família seria responsável perante Deus; que era uma infelicidade que a coisa já se tivesse espalhado. A partir desse momento as portas foram hermeticamente fechadas, a cancela do pátio cuidadosamente trancada a chave e a entrada interdita a todos os que viessem todas as noites ouvir o barulho. Mas se puseram chaves em todas as portas, não as puderam colocar em todas as línguas, e os *ratos* agiram tão bem que eram ouvidos num raio de dez léguas. Engraçadinhos disseram ter visto os ratos roendo a roupa, mas não as atirar para fora, nem abrir portas fechadas a chave. É que, diziam eles, provavelmente são ratos de uma nova espécie, trazidos por algum navio estrangeiro. Esperamos com impaciência que os mostrem ao público.”

O mesmo fato nos é relatado por dois outros correspondentes. Disso ressalta uma primeira consideração, a de que esses senhores do clero, que eram numerosos, e que tinham interesse em descobrir uma causa vulgar, não teriam deixado de assinalá-la, caso existisse, e, sobretudo, não teriam prescrito a pequena mentira dos *ratos*, sob pena de incorrer no desagrado de Deus. Reconheceram, pois, a intervenção de um poder oculto. Mas, então, por que o exorcismo é sempre impotente em semelhantes

casos? Para isto há, antes de mais, uma razão peremptória: é que o exorcismo se dirige aos *demônios*; ora, como os Espíritos obsessores e batedores não são demônios, mas seres humanos, o exorcismo não tem influência sobre eles. Em segundo lugar, o exorcismo é um anátema e uma ameaça que irrita o Espírito malfeitor, e não uma instrução capaz de o tocar e o conduzir ao bem.

Na circunstância presente, aqueles senhores reconheceram que podia ser o Espírito do irmão morto na Argélia, sem o que não teriam aconselhado que fossem buscar o seu corpo, a fim de cumprir a promessa que lhe fora feita; não teriam recomendado missas, que não podiam ser ditas em favor dos demônios. Em que se torna, pois, a doutrina dos que pretendem que só os demônios podem manifestar-se e que tal poder é negado às almas dos homens? Se um Espírito humano pôde fazê-lo no caso de que se trata, por que não o faria em outros? Por que um Espírito bom e benevolente não se comunicaria senão pela violência, para ser lembrado pelos que o amaram e lhes dar sábios conselhos?

É preciso ser conseqüente consigo mesmo. Dizei sem rodeios, de uma vez por todas, que são sempre os demônios, sem exceção: a gente acreditará no que quiser; ou, então, reconheci que os Espíritos são as almas dos homens, e que no número, há bons e maus que podem comunicar-se.

Aqui se apresenta uma questão especial do ponto de vista espírita. Como os Espíritos podem exigir que seus corpos fiquem de preferência num lugar a outro? Os Espíritos de certa elevação não se prendem absolutamente a isto; mas os menos adiantados não são tão desprendidos da matéria, a ponto de não ligar importância às coisas terrenas, de que o Espiritismo oferece numerosos exemplos. Mas aqui o Espírito pode ser solicitado por outro motivo, o de lembrar ao irmão que ele faltou à sua promessa, negligência que este não podia se desculpar pela falta de recursos,



já que era rico. Talvez tivesse pensado consigo mesmo: “Ah! meu irmão está morto; não irá fazer a sua reclamação, e será uma grande despesa a menos.”

Ora, suponhamos que o irmão, fiel aos seus compromissos, desde logo tivesse ido à Argélia, mas não encontrasse o corpo, dada a confusão inevitável em tempo de guerra, e tivesse trazido outro corpo, que não o do seu parente: este último não teria ficado menos satisfeito, porque o dever moral fora cumprido. Os Espíritos nos dizem sem cessar: O pensamento é tudo; a forma nada é e não nos prendemos a ela.

## Novo e Definitivo Enterro do Espiritismo

Quantas vezes já disseram que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores já se gabaram de lhe haver dado o golpe de misericórdia, uns porque tinham dito palavrões temperados com sal grosso, outros porque haviam descoberto um charlatão enfarpelando-se com o nome de espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte, de onde o menor julgava ter lançado o raio, o aparecimento dos espectros nos teatros foi saudado com um hurra! em toda a linha. “Temos o segredo desses espíritos”, diziam sem trégua os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunquerque; “jamais eles se erguerão dessa bordoadada!” Os espectros passaram e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e sumos-sacerdotes do Espiritismo, que eles não conheciam e que nenhum espírita conhecia. Aí, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar, pela segunda vez, a França e a Humanidade, tocando muito bem os negócios de seu teatro. A imprensa teceu coroas a esse corajoso defensor do bom-senso, a esse sábio que havia descoberto as

astúcias do Espiritismo, como o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha descoberto o segredo do músculo estalante. Contudo, os irmãos Davenport partiram sem as honras da guerra; o músculo estalante fez água e o Espiritismo vai sempre muito bem. Evidentemente isto prova uma coisa: é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tambores bascos dos Srs. Davenport, nem no músculo pequeno perônio<sup>3</sup>. É, pois, mais um golpe que falha. Mas desta vez, eis o bom, o verdadeiro, e é impossível que o Espiritismo se levante: são o *Événement*, o *Opinion nationale* e o *Grande Journal* que nos informam e o *afirmam*. Uma coisa muito estranha é que o Espiritismo se apraz em reproduzir todos os fatos que lhe opõem e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os julgasse muito perigosos, ele os calaria. Eis de que se trata:

“O célebre ator inglês Sothem acaba de escrever a um jornal de Glasgow uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Esse jornal o censurava por atacar sem a menor consideração os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele próprio ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que então era o seu pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessa perfeitamente ter mostrado muitas vezes aos seus amigos que era capaz de executar todas as habilidades dos espíritas e mesmo ter feito proezas ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram executadas fora de um pequeno círculo de amigos e conhecidos. Jamais fez que alguém pagasse um vintém qualquer; ele próprio cobria as despesas de suas experiências, depois das quais ele e os amigos se reuniam num alegre jantar.

“Com o concurso de um americano muito ativo, obtive os mais curiosos resultados: aparição de fantasmas, ruído de

3 Vide a *Revista Espírita* de junho de 1859: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha sido acometido de alienação mental e atualmente se encontra numa casa de saúde. Esse triste acontecimento certamente não se deve à sua crença nos Espíritos.

instrumentos, assinaturas de Shakespeare, mãos invisíveis passando pelos cabelos dos espectadores e lhes aplicando tapas, etc., etc.

“O Sr. Sothem sempre disse que todas essas mágicas resultavam de combinações engenhosas, de habilidade e de astúcia, sem que os Espíritos do outro mundo nelas tomassem qualquer parte.

“Em suma, o célebre artista declara que desafia os Hume, os Davenport e todos os espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa superar.

“Ele jamais pretendeu fazer profissão de sua habilidade, mas apenas confundir os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer que têm um poder sobrenatural, que mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar as almas dos mortos. O Sr. Sothem não faz rodeios para dizer sua opinião; diz as coisas por seus nomes; chama um gato de gato e os Rollets... de vigaristas.”

Os Srs. Davenport tinham contra si duas coisas que os nossos adversários reconheceram: as exhibições teatrais e a exploração. Credo de boa-fé – pelo menos gostamos de assim pensar – que o Espiritismo consiste em malabarismos da parte dos Espíritos, os adversários esperavam que os espíritas fossem tomar partido por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, condenar esse gênero de manifestações como prejudicial aos princípios da doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritos estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar querendo servir-se deles para ganhar dinheiro. Certos críticos até fizeram, de moto-próprio, valer este argumento contra os Srs. Davenport, sem suspeitar que defendiam a causa do Espiritismo. A idéia de pôr os Espíritos em cena e fazê-los servir de comparsas com vistas ao interesse, provocou um sentimento geral de aversão, quase de repulsa,

mesmo nos incrédulos, que se disseram: “Não cremos nos Espíritos; mas se os há, não é em tais condições que devem mostrar-se; e devemos tratá-los com mais respeito.” Não acreditavam em Espíritos vindo a tanto por sessão e nisto tinham completa razão; donde se pode concluir que a exibição de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse tais coisas, este seria o seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre este que não perdem nenhuma ocasião de ferir, crendo atingir a doutrina. O Sr. Gêrôme, do *Univers illustré*, respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que o censurava por falar do que não conhecia, disse: “Praticamente estudei o Espiritismo com os irmãos Davenport, e isto me custou 15 francos. É verdade que os irmãos Davenport hoje trabalham a preços mais suaves: por 3 ou 5 francos pode-se ver suas farsas; preços de Robin, ainda bem!”

O autor do artigo sobre a jovem cataléptica da Suábia, que não é espírita (vide o número de janeiro), tem o cuidado de ressaltar, como prova de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam absolutamente em tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da idéia espírita é, pois, um motivo de descrédito. Os espíritas condenam a especulação, e é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Sothem como completamente desinteressado, na expectativa de torná-lo um argumento vitorioso. É sempre essa idéia que o Espiritismo só vive de fatos maravilhosos e de trapças.

Que a crítica bata quanto queira nos abusos; que desmascare os truques e as astúcias dos charlatães. O Espiritismo, que não usa nenhum método secreto e cuja doutrina é toda moral, não poderá senão ganhar em se ver livre dos parasitas que dele fazem um degrau e dos que lhe desnaturam o caráter.

O Espiritismo teve como adversários homens de real valor, em saber e em inteligência, que contra ele empregaram, sem sucesso, todo um arsenal de argumentação. Vejamos se o ator Sothem terá mais êxito que os outros para o enterrar. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado nos absurdos que lhe atribuem. Se, pois, depois de haver matado o charlatanismo e desacreditado as práticas ridículas, ele existe sempre, é que há nele algo de mais sério, que não foi possível atingir.

## Os Qüiproquós

A avidez com que os detratores do Espiritismo aproveitam as menores notícias, que julgam ser-lhe desfavoráveis, os expõe a singulares enganos. Sua pressa em as publicar é tal que não têm tempo em lhes verificar a exatidão. Aliás, para que tanto esforço! a verdade do fato é uma questão secundária, contanto que dela ressalte o ridículo. Por vezes essa precipitação tem seus inconvenientes e, em todo o caso, atesta uma leviandade que está longe de aumentar o valor da crítica.

Outrora os saltimbancos eram simplesmente chamados *escamoteadores*; caindo o vocábulo em descrédito, foi substituído por *prestidigitadores*, mas que ainda lembrava muito o jogador de copos. O célebre Conte, parece-nos, foi o primeiro que se adornou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de pôr em seus anúncios e nos letreiros de seu teatro: *Físico do rei*. Desde então, até mesmo o mais medíocre escamoteador que percorria feiras se intitulava de *físico*, *professor de Física*, etc., maneira, como qualquer outra, de atirar pó nos olhos de certo público que, não sabendo mais, os coloca de boa-fé no mesmo nível dos físicos da Faculdade de Ciências. Certamente a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestar a alguns que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real e um caráter honrado; mas não passa da arte de produzir ilusões,

com maior ou menor habilidade, e não de uma ciência séria, com seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu neste gênero uma celebridade para a qual não contribuiu pouco o papel que ele desempenhou no caso dos irmãos Davenport. Esses senhores, com ou sem razão, pretenderam que operavam com o auxílio dos Espíritos; de sua parte era um novo meio de excitar a curiosidade, saindo dos lugares-comuns? Não é aqui o lugar de examinar a questão. Seja como for, só pelo fato de se dizerem agentes dos Espíritos, os que não o admitem de forma alguma protestarão. O Sr. Robin, como homem hábil em tirar proveito da coisa, não perde a oportunidade; declara produzir os mesmos efeitos por simples passes de mágica. Julgando que os Espíritos estão mortos, a crítica canta vitória e o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego e por vezes comete estranhas gafes. Há muitos Robins no mundo, como há muitos Martins. Eis que um Sr. Robin, professor de Física, acaba de ser eleito membro da Academia de Ciências. Não há mais dúvida: só pode ser o Sr. Robin, o físico do boulevard du Temple, o rival dos irmãos Davenport, que toda noite judia dos Espíritos em seu teatro; e sem mais ampla informação, um jornal sério, o *Opinion nationale*, em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publica o seguinte artigo:

“Há algo de errado nos acontecimentos da semana? Entretanto, havia em seu número alguns bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin para a Academia de Ciências. Há muito tempo defendíamos aqui a sua candidatura; mas pregavam bem alto contra ela em mais de um lugar. O fato é que esse nome de Robin tem algo de diabólico. Lembrai-vos de Robin des Bois. O herói das *Memórias do Diabo* não se chamava Robin? Esse Sr. Robin, que amarrou o guizo no pescoço dos Davenport, é um físico tão sábio quanto amável. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se maior e mais retumbante que o grande sino de

Notre-Dame. Os pobres farsistas, atordoados pelo ruído que faziam, viram-se obrigados a fugir *para a América*, mas a própria América não os quer mais. Grande vitória do bom-senso; derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma desforra da Academia de Ciências, e fez esforços heróicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio de uma Academia tão bem pensante, o sobrenatural ainda é debatido. Charles Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E já não estamos no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e saudoso em que o cajado do pastor se impunha a Robin carneiro!”

*Ed. About*

Para quem a mistificação? Seríamos realmente tentados a crer que algum Espírito maligno conduziu a pena do autor do artigo.

Eis um outro quiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com que a crítica acolhe, sem exame, tudo que julga contrário ao Espiritismo, obstinando-se, a despeito de tudo quanto foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde conclui que tudo quanto for um revés para esses senhores, também o é para a doutrina, que não é mais solidária com os que lhe tomam o nome, do que a verdadeira física com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais apressaram-se em reproduzir o artigo seguinte, conforme o *Messenger franco-américain*. Entretanto eles deveriam, melhor que ninguém, saber que nem tudo que é impresso é palavra do Evangelho:

“Os pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatães de toda espécie. Acreditados e louvados nos Estados Unidos, onde durante muito tempo exploraram, depois descobertos e ridicularizados na capital da

França, menos fácil para sofrer o *embuste*, era preciso que recebessem, na mesma sala de suas grandes façanhas em Nova Iorque, o último desmentido que mereciam.

“Esse desmentido acaba de lhes ser dado publicamente por seu antigo comparsa, o Sr. Fay, na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembléia.

“Ali o Sr. Fay desvendou tudo, os segredos do famoso armário, o segredo das cordas e dos nós e de todos os malabarismos, por tanto tempo empregados com sucesso. Comédia humana! E dizer que há gente séria e instruída, que admirou e defendeu os irmãos Davenport e que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!”

Não nos cabe tomar a defesa dos Srs. Davenport, cujas exhibições sempre condenamos, como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, seja qual for a opinião que se faça a seu respeito, devemos dizer, a bem da verdade, que foi um erro inferir desse artigo que estivessem em Nova Iorque e ali tivessem sido ridicularizados. Sabemos de fonte segura que, deixando Paris, voltaram à Inglaterra, onde ainda se acham no momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é o seu cunhado William Fay, que os acompanha, mas um tal H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e do qual se fala em sua biografia, com a recomendação de não os confundir. Nada há de admirável que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado conveniente aproveitar sua ausência para lhes pregar uma peça e os desacreditar em proveito próprio. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver Espiritismo. É o que dá a entender o fim do artigo, por esta frase: “E dizer que há gente séria (...), que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!” Essa exclamação tem o ar de uma censura dirigida aos que confundem coisas tão disparatadas.



Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo ocasião ou pretexto para um formidável levante, em presença do qual ele ficou de pé, calmo e impassível, continuando sua rota sem se inquietar com o barulho que faziam à sua volta. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se amedrontarem, foram unânimes em considerar essa efervescência como eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo só tem a ganhar por ser conhecido. A crítica caiu sem dó nem piedade sobre os irmãos Davenport, neles julgando matar o Espiritismo. Se este não gritou, é porque não se sentiu ferido. O que ela matou foi precisamente o que ele condena e desaprova: a exploração, as exhibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais, que se produzem em condições completamente diversas, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, acreditamos que seria temerário tentar a sorte por semelhantes meios.

É verdade que disso resultou uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural nas que só ouviram a censura lançada com parcialidade, sem separar o verdadeiro do falso; mas deste mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode redundar senão em proveito da doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com a ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os espíritas não o teriam podido por si mesmos; ela adiantou a questão de alguns anos, e mais uma vez convenceu seus adversários de sua impotência. Aliás, o caso Davenport foi um assunto tão repisado, que ao público parece tão enfadonho quanto o grito de Lambert. É tempo que a crônica encontre um novo tema para explorar.

## Nota Bibliográfica

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre o *Dicionário Universal*, muitas pessoas nos pediram informações sobre o modo de subscrição e pagamento. Eis a nota que, a propósito, nos foi dada pela direção.

Preço de cada fascículo de 8 páginas: 10 c. Publicam-se dois fascículos por semana. – Remessas pelo Correio somente em séries de 40 fascículos, ao preço de 4 fr. em Paris, 5 fr. para os Departamentos e 6 fr. para o estrangeiro. – Pode-se fazer a subscrição para um número qualquer de séries, bastando, para isso, enviar o montante ao diretor, 38, boulevard Sébastopol, em Paris. A primeira série está à venda; a segunda logo estará disponível. – As pessoas que desejam receber a obra em fascículos devem dirigir-se às livrarias de sua localidade.

### ERRATA

No número de janeiro, carta do Sr. Jaubert, em vez de *todos os uniformes*, leia-se: todos uniformes; em vez de *assiégjée*, leia-se *assiégée* (sitiado).

*Allan Kardec*